

# Sylvia Plath – Carta em novembro

Meu amor, de repente  
O mundo muda, muda de cor. Às nove da manhã  
A luz dos postes rompe as vagens do laburno  
Pela pontinha que mais parece rabo de rato.  
É o Ártico,

Pequeno círculo preto,  
Com uma sedosa grama âmbar – cabelinho de bebê.  
Há um verde no ar,  
Leve, delicioso.  
Que me conforta com ternura.

Estou corada e quente.  
Talvez eu esteja enorme.  
Me sinto estupidamente feliz,  
Com minhas galochas piso  
De poça em poça no vermelho esplêndido.

Esse lugar é meu.  
Duas vezes por dia  
Percorro tudo e sorvo  
O azevinho, com suas vieiras  
Em tons de verde, ferro puro,

E o muro de antigos cadáveres.  
Gosto deles.  
Gosto deles como história.

As maçãs são douradas,  
Imagine só –

Minhas setenta árvores  
Conservam as esferas rubro-douradas,  
Imersas num lúgubre caldo cinzento,

Milhares de folhas  
De ouro, metálicas, ofegantes.

Ó amor, ó celibato.  
Caminho sozinha  
Com água até a cintura.  
O ouro não se renova  
Ele sangra e afunda, nas gargantas de Termópilas.

**Sylvia Plath, Poesia Reunida – Tradução, Marília Garcia**